

“Aqui em casa todo mundo tem terra, se quiserem podem plantar”: reprodução social de trabalhadores rurais pós-trabalho assalariado na dendeicultura

“Here at home everyone has land, if they want they can plant”: social reproduction of rural workers after wage labor in oil palm cultivation

Laiane Bezerra Ribeiro*

Dalva Maria da Mota**

Éberton da Costa Moreira***

Palavras-chave:

Dendê

Trabalho rural

Nordeste Paraense

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar evidências recentes de reprodução social de trabalhadores rurais no pós-trabalho assalariado na dendeicultura na vila rural de Belenzinho, Acará (PA), no Nordeste Paraense. A pesquisa foi realizada por meio de um estudo de caso na vila rural de Belenzinho no município do Acará, no nordeste paraense no período entre 2021 e 2023. Privilegiamos a observação direta, o registro de conversas informais e entrevistas por meio de questionários semiestruturados com 18 trabalhadores que vivenciavam o pós-trabalho assalariado na dendeicultura. As principais conclusões mostram que esses trabalhadores rurais, ao se desligarem do assalariamento, têm sua reprodução social vinculada à agricultura por meio da produção de culturas alimentares e comerciais ligadas, respectivamente, à tradição e às recentes exigências de mercados globais: mandioca, açaí e dendê. Relações de trabalho entrelaçam-se com o trabalho familiar em terras próprias e arrendadas para garantir alimento, renda e permanência nos lugares de origem.

Keywords:

Palm oil

Rural work

Northeast Pará

Abstract: The objective of this article is to analyze recent evidence of social reproduction of rural workers after their salaried work in oil palm farming in the rural village of Belenzinho, Acará (PA), in northeastern Pará. The research was carried out through a case study in the rural village of Belenzinho in the municipality of Acará, in northeastern Pará, between 2021 and 2023. We prioritized direct observation, the recording of informal conversations, and interviews through semi-structured questionnaires with 18 workers who experienced post-salaried work in oil palm farming. The main conclusions show that these rural workers, upon leaving their salaried employment, have their social reproduction linked to agriculture through the production of food and commercial crops linked, respectively, to tradition and to the recent demands of global markets: cassava, açai, and oil palm. Labor relations are intertwined with family work on their own and rented lands to guarantee food, income, and permanence in their places of origin.

Recebido em 14 de abril de 2025. Aprovado em 14 de outubro de 2025.

Introdução

O tema deste artigo é a reprodução social de trabalhadores rurais que vivem a situação de pós-trabalho assalariado na dendeicultura numa

comunidade da Amazônia Paraense. Historicamente associada à conservação e à coexistência do extrativismo com a agricultura, a região é alvo da expansão de grandes projetos, entre os quais a produção de dendê (*Elaeis guineensis*), *commodity*

* Doutora em Agricultras Amazônicas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora adjunta da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), campus Rurópolis. E-mail: laiane.ribeiro@ufopa.edu.br.

** Pós-doutorado na University of London, Inglaterra. Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisadora da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária da Amazônia Oriental (Embrapa Amazônia Oriental). Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Agricultras Familiares da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: dalva.mota@embrapa.br.

*** Sociólogo, doutorando em Sociologia (PPGS-Universidade Federal de São Carlos) e mestre em agricultras familiares e desenvolvimento sustentável (PPGAA-UFPA). E-mail: costaeberton12@gmail.com.

utilizada para alimentos, aplicações industriais (indústrias de cosméticos e materiais de limpeza) e biocombustíveis no mundo global (Oliveira Neto, 2022; Ritchie, 2021). Não é novidade que a Amazônia tem sido, ao longo de décadas, alvo de interesses nacionais e internacionais para a produção de *commodities* que contribuem diretamente para a devastação da floresta (Silva, 2011).

Edna Ramos de Castro e Carlos Potiara Castro (2022) avalia que existem conexões entre os territórios devastados, o mercado global e a dominância dos movimentos de brasileiros voltados para a exportação de *commodities* de carne, de grãos e de minérios com o objetivo de ocupar terras públicas e de comunidades locais. A autora destaca que a tendência principal permanece sendo a conversão da floresta em pastagens, em campos de agricultura intensiva e em áreas degradadas. Mais recentemente, as pastagens e áreas de sistemas agroflorestais foram substituídas pela monocultura de dendê, soja, milho, pinus e eucalipto, ou por outras espécies madeireiras selecionadas para usos específicos, como produzir papel de celulose e atender à demanda do mercado global.

A produção de dendê no Nordeste Paraense intensifica-se a partir de 2004 em decorrência de incentivos do governo federal¹. Nessa expansão, o estado do Pará torna-se o maior produtor de dendê do Brasil e faz parte de uma divisão internacional do trabalho, na qual a Ásia, a África e a América Latina produzem e exportam o “óleo de palma” principalmente para a Índia, a China e a União Europeia (Mota, 2022). Não obstante, há controvérsias quanto aos efeitos da expansão da palma na região. Por um lado, há estudos que indicam a dendeicultura como uma possibilidade de reflorestamento e de desenvolvimento socioeconômico sustentável (Becker, 2010; Ferreira; Azevedo-Ramos, 2020; Silva Junior, 2020; Villela, 2014); por outro, pesquisas relacionam negativamente a monocultura a problemas socioambientais, como conflitos de degradação ambiental (Damiani *et al.*, 2020; Silva, 2020), concentração fundiária (Moreira; Schmitz, 2025; Silva; Magalhães; Farias, 2016), transformações em atividades econômicas tradicionais (Sampaio, 2014; Silva, 2016) e rupturas contratuais (Guimarães *et al.*, 2025).

De acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), a dendeicultura é uma das atividades que mais geram empregos na área rural do Pará (Caged, 2023). No entanto, é uma das ocupações com menores saldos positivos de emprego/ano. Portanto, apesar de admitir, também desliga muitos, concorrendo para uma alta rotatividade entre os trabalhadores. Mota (2022) salienta que um membro da Federação dos Trabalhadores Empregados e Empregadas Rurais do Estado do Pará (Feterpa), em informação oral, afirmou que persistem cerca de 20.000 empregos formais, com carteira assinada.

Esses trabalhadores rurais são predominantemente do Pará e das áreas rurais dos municípios onde a dendeicultura está instalada (Carvalho; Nahum, 2019; Mota; Balsadi; Mourão Júnior, 2019). Por isso, residem próximo ao seu local de trabalho diferentemente dos trabalhadores que migram para trabalhar na dendeicultura em outros países, como a Malásia e a Indonésia (Budidarsono; Susanti; Zoomers, 2013; El Pebrian; Yahya; Siang, 2014; Puder, 2021).

A condição de residir perto do trabalho nos monocultivos dota as estratégias de reprodução social dos trabalhadores de particularidades, especialmente no pós-trabalho assalariado, quando retomam atividades nos estabelecimentos familiares em terras próprias ou de terceiros (Ribeiro; Mota, 2024). Considerando-se que as estratégias de reprodução social da agricultura familiar estão relacionadas às atividades cotidianas para a garantia dos recursos necessários à manutenção do estabelecimento familiar e de seus membros, este artigo tem como objetivo analisar evidências recentes de reprodução social de trabalhadores rurais no pós-trabalho assalariado na dendeicultura na vila rural de Belenzinho, Acará (PA), no Nordeste Paraense.

Para analisar o fenômeno da reprodução social, recorreremos aos estudos de Bourdieu (2007, 2020) para quem a reprodução social diz respeito a um conjunto de estratégias que visam perpetuar ou melhorar a posição social das famílias. Em adição, recorreremos ao estudo de Almeida (1986), que afirma: na agricultura familiar, a reprodução social pode ser relacionada às atividades cotidianas de curta duração para produção e consumo e, também, à

sucessão no estabelecimento, por meio de casamento, morte ou herança. Logo, a reprodução social garante a continuidade do estabelecimento pela transmissão do patrimônio aos descendentes.

Neste artigo, analisaremos a reprodução social de curto e longo prazo, focando, especialmente, as atividades agrícolas de trabalhadores que encerram um vínculo assalariado na dendeicultura e combinam trabalho, recursos naturais e conhecimento para atender ao consumo familiar e à venda do excedente. Por pós-trabalho assalariado na dendeicultura, entendemos o momento a partir do qual os trabalhadores que têm a relação trabalhista rompida, por opção ou não, passam a desenvolver outras atividades. Para Novaes (2009) e Froes (2017), que estudaram os trabalhadores rurais da cana-de-açúcar e do café e do eucalipto, respectivamente, esse período de desemprego rural é uma fase de descanso, essencial para recompor as energias para outra jornada extensiva de trabalho. Mas também é um momento dedicado à realização de atividades agrícolas nos próprios estabelecimentos. Na análise de Reis (2018), o pós-trabalho é relacionado às doenças adquiridas pelo esforço no trabalho que levam ao fim das relações de trabalho, o que representa para esses trabalhadores um descarte e um tempo de procura por seus direitos.

O artigo está estruturado em cinco seções: a primeira é esta introdução; na segunda seção, é exposta a metodologia de pesquisa; a terceira contém um referencial teórico sobre reprodução social; a quarta traz a pesquisa sobre reprodução social de ciclo curto e longo em Belenzinho; na quinta e última, apresentam-se as principais conclusões do artigo.

Metodologia

A pesquisa foi realizada por meio de um estudo de caso na vila rural de Belenzinho no município do Acará, Nordeste Paraense, no período de 2021 a 2023. Segundo Becker (1994), o estudo de caso é uma análise profunda de um caso: parte-se da exploração intensa de um único caso com o intuito de compreender de uma forma abrangente todo o grupo estudado.

O município do Acará destaca-se na produção de açaí, dendê e mandioca – no Brasil, é o maior produtor de mandioca (*Manihot esculenta*) (IBGE, 2024), item essencial na mesa do paraense e do nortista. Em tempos passados, o município também se destacou pela extração de madeira de lei, pelo cultivo de cana-de-açúcar, cacau e algodão, num esquema de agricultura comercial que girava em torno do trabalho de pequenas e médias unidades e de dezenas de sítios dos quais dependiam os engenhos e engenhocas de cana-de-açúcar (Acevedo Marin, 2000).

A vila de Belenzinho está localizada na região conhecida como Baixo Acará, mais precisamente na região do Araxiteua. O acesso principal à vila é feito por meio da rodovia PA-483, também conhecida como Alça Viária (complexo viário de pontes e estradas que interligam a região metropolitana de Belém ao Sul, Sudeste e Oeste do Pará).

No decorrer da pesquisa de campo, visitamos moradores e trabalhadores rurais que viviam o pós-trabalho assalariado na dendeicultura. Privilegiamos a observação direta e o registro de conversas informais. Entrevistamos 18 trabalhadores que vivenciavam o pós-trabalho assalariado na dendeicultura, além de fazer observação direta por meio de um olhar e de um ouvir disciplinados (Oliveira, 1996).

Os principais conteúdos de pesquisa foram relacionados à reprodução social dos trabalhadores rurais que estavam no pós-trabalho assalariado na dendeicultura. Por isso, enfatizamos a coleta de dados referente ao cotidiano de trabalho na agricultura e às relações de trabalho. Nesse contexto, a escrita considerou o debate sobre reprodução social e trabalho rural, com base em autores como Almeida (1986), Bourdieu (2007, 2020), Paulilo (1987), Santos Júnior (2018, 2020), entre outros.

Os dados das entrevistas foram analisados horizontal e verticalmente, interpretando a fala de cada entrevistado na sua totalidade. Posteriormente, foram comparados de acordo com cada tema (Michelat, 1987). Os demais foram analisados de modo complementar para apreender padrões que se estabeleciam.

A reprodução social

A reprodução social tem sido objeto de amplo debate e é definida de distintas formas, com objetivos diferenciados. Para Bourdieu (2007), a reprodução social diz respeito a um conjunto de estratégias que visam perpetuar ou melhorar a posição social, levando a transformações que afetam tanto a situação de classe quanto a estrutura patrimonial da família ou do indivíduo. O autor destaca que existe um “sistema de estratégias de reprodução social”, no qual funcionam distintas estratégias de forma interdependente, constituindo complexas interações sociais que se combinam para a manutenção do grupo. “As estratégias de reprodução têm, por princípio, não uma intenção consciente e racional, mas as disposições do *habitus*, que tende espontaneamente a reproduzir as condições de sua própria produção” (Bourdieu, 2020, p. 26).

No que se refere à agricultura familiar, a partir da leitura de Almeida (1986), compreende-se que a reprodução social pode ser analisada por meio do ciclo anual ou cotidiano e do ciclo longo. No primeiro, o autor evidencia como se reproduz a unidade familiar, combinando trabalho, recursos naturais e conhecimento tradicional para atender ao consumo familiar e para repor os insumos necessários ao reinício do processo. Segundo o autor, a reprodução cotidiana engloba elementos relacionados ao trabalho e ao consumo. A reprodução social de ciclo longo refere-se à persistência das famílias por meio do nascimento, do casamento, da morte e da herança, aspectos centrais na transmissão do patrimônio entre os descendentes (Almeida, 1986).

Brumer e Anjos (2008), analisando a reprodução social, dão ênfase aos processos sucessórios (ciclo longo) e seus diferentes aspectos, como as formas ou estratégias de sucessão entre gerações na agricultura e suas mudanças, as articulações dessas estratégias de sucessão com outras estratégias familiares de reprodução, ou seja, com outras formas de atividade social dos filhos e das filhas com origem na agricultura familiar. As autoras também mostram como essas estratégias de reprodução social pressupõem diferenças entre os sexos.

Na Amazônia, a reprodução social dos agricultores familiares está interligada ao uso dos diferentes ecossistemas da região. Em clássico estudo sobre comunidades rurais amazônicas, Charles Wagley (1988) já destacava a diversidade nas dinâmicas produtivas. Segundo o autor, o agricultor provê a sua reprodução social por meio de uma agricultura, que ele denomina primitiva, da caça, da pesca e da extração de produtos da floresta, como o látex. Na agricultura, o autor ressalta o cultivo da mandioca como principal alimento para os povos da Amazônia. No entanto, poucas pessoas viviam exclusivamente da lavoura de mandioca, a caça, a pesca e a extração de produtos da floresta eram essenciais para o próprio consumo e para a venda, garantindo a reprodução social.

Pereira e Witkoski (2012) observam que a reprodução social na Amazônia também está relacionada à dinâmicas das marés: enchente, cheia, vazante e seca regulam o ritmo de vida das comunidades. A fauna aquática desempenha importante papel na reprodução ecológica de várzea e nas demais reproduções, na dispersão de sementes, na base da dieta alimentar da população, na fonte de renda, na organização comunitária e sindical em torno da pesca ou também como símbolo do imaginário popular. No inverno, as atividades nas várzeas amazônicas predominam de modo “anfíbio”, parte terrestre e parte fluvial. No verão, em um ambiente mais terrestre, os camponeses desenvolvem outras estratégias produtivas, voltadas para o cultivo e o manejo de espécies vegetais que não toleram solos alagados (Pereira; Witkoski, 2012).

Recentemente, entretanto, transformações climáticas têm imposto regime de seca extrema, agravando a vulnerabilidade na reprodução social da agricultura familiar na Amazônia. Em estudos sobre as mudanças do clima, Evangelista-Vale *et al.* (2021) observam que, ao longo das últimas décadas, a duração da estação seca e sua intensidade aumentaram, enquanto a precipitação tornou-se mais intensa durante a estação chuvosa na Amazônia. Consequentemente, uma das plantações mais típicas da Amazônia, o açaí (*Euterpe oleracea*), já está sendo afetada. A dependência de um alto volume hídrico, no período certo, para seu desenvolvimento faz com o que o açaí seja totalmente influenciado pela variação climática, o

que compromete a reprodução social de diversas famílias de camponeses amazônicos e favorece a ação de médios e grandes produtores no processo de “açaização” ou monocultivo do açaí em terra firme (Escada; Amaral; Fernandes, 2023).

De forma geral, os estudos sobre reprodução social preocupam-se com as formas pelas quais se dá a continuidade de estruturas, práticas e instituições sociais. Medeiros *et al.* (2022), por exemplo, entendem por reprodução social a continuidade da produção de bens para o consumo ao longo do tempo, que varia historicamente, com base, por um lado, na articulação entre tecnologia, matéria-prima e trabalho e, por outro, nas formas sociais de produção, incluindo a organização social, ou seja, a relação do homem com a natureza e a relação dos homens entre si.

A agricultura familiar, embora preserve seus princípios relativos à manutenção do grupo doméstico, está sujeita ao sistema dominante (Pais, 2008). Logo, transformações externas à unidade de produção poderão afetar as estratégias de reprodução social, como, por exemplo, o recurso ao trabalho assalariado na dendeicultura no caso em que estamos analisando. A expansão capitalista sobre áreas rurais tem afetado a reprodução social de grupos camponeses, levando-os a adotar novas estratégias (Chambati; Mazwi; Mberi, 2018; Fletes Ocón; Hernández Méndez, 2023; Ojeda, 2022) que dependem da disponibilidade de recursos e das oportunidades das quais a família dispõe, isto é, dos capitais (Bourdieu, 2020).

No contexto da dendeicultura no Nordeste Paraense, estudos demonstram mudanças para aqueles que aderiram à agricultura por contrato (Vieira, 2015), para quem rompeu com as agroindústrias (Guimarães *et al.*, 2025) e ainda para aqueles que venderam os estabelecimentos (Moreira, 2022). O estudo de Vieira (2015) comprova a complexidade e a assimetria das relações entre agricultores integrados e agroindústrias, o que pode levar a alterações na organização dos estabelecimentos camponeses. Por sua vez, para Guimarães *et al.* (2025), a ruptura nos contratos com as agroindústrias representa uma estratégia de reprodução que conduz o grupo doméstico a novas realidades e estratégias de reprodução social, vinculadas ou não à agricultura. Por fim, segundo

Moreira (2022), aqueles que venderam os estabelecimentos no contexto de expansão dos plantios da palma de óleo precisaram adaptar suas estratégias aos novos contextos após a venda.

Neste estudo, o foco é a reprodução social (Almeida, 1986) de trabalhadores no pós-trabalho assalariado na dendeicultura, destacando a sucessão e a continuidade nos trabalhos agrícolas, por meio de cultivos de roça, da intensificação do cultivo de frutíferas e do arrendamento de áreas de dendê, tudo realizado com o objetivo de garantir o aprovisionamento das famílias no ciclo anual, ou seja, como estratégias de reprodução de ciclo curto.

Estratégias de reprodução social em Belenzinho

Reprodução social de ciclo curto

Produção de frutíferas

Quando os trabalhadores deixam o assalariamento na dendeicultura, priorizam certas atividades, entre as quais o cultivo de frutíferas, em alguns casos incentivados por organizações sociais. 11% dos entrevistados (2) relataram que, após o assalariamento na dendeicultura, passaram a fazer parte de uma associação de trabalhadores rurais com sede em uma vila rural próxima, Bom Jesus. Dessa associação, participam cerca de 100 sócios de várias vilas rurais da região do Araxiteua. O projeto é resultado de uma parceria entre o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) e a prefeitura do Acará que tem por finalidade a criação de uma associação, o treinamento dos sócios sobre os tratos culturais de frutíferas e a construção de um viveiro de mudas frutíferas de açaí, cacau e cupuaçu. Após o período adequado de crescimento, as mudas serão distribuídas entre os sócios com o objetivo de diversificar o cultivo agrícola, aumentar a renda e servir de projeto-piloto aos demais agricultores da região que têm como base agrícola a mandioca.

Olha, estamos com uma associação ali no Bom Jesus, temos um viveiro lá, nesse temos que fazer 25 mil mudas de açaí, 25 mil de cacau, que já temos. Essas mudas vão ser dividida entre os sócios

lá, vai vir um trator para aradar nossa terra e fazer o plantio (R. P. S, 39 anos).

A gente foi convidado, era 10 pessoas de cada comunidade, aí estavam perguntando quem queria. Tem muita gente que diz que não vai pra lá e põe logo o pé atrás, mas muita das vezes o cara não tem a experiência e tem que ver como é né (D. P., 42 anos).

Participar de associações não estava no horizonte dos trabalhadores enquanto assalariados da dendeicultura, pois não tinham tempo nem disposição para participar de outras atividades de trabalho e sociais que não estivessem ligadas à dendeicultura. A atividade social é vista como uma maneira de contribuir com a reprodução social familiar e comunitária: a primeira por meio do aumento da renda familiar e a segunda para uma maior diversificação das atividades agrícolas dos demais trabalhadores rurais de Belenzinho.

A participação em associações nas quais é possível conseguir apoio para as atividades reprodutivas cotidianas configura-se numa estratégia de investimento econômico, uma vez que se investe na manutenção das relações sociais que podem ser mobilizadas no curto prazo (Bourdieu, 2020). Observa-se ainda que, por meio da participação em tais organizações, obtêm-se o conhecimento e os recursos para a adoção de novas práticas agrícolas, isto é, ampliam-se o capital e a base de recursos úteis à reprodução social do grupo.

Além dos novos cultivos incentivados por organizações sociais, 83% (15) dos trabalhadores entrevistados iniciaram cultivos como uma experiência em pequenas áreas, geralmente, nos quintais das casas e sem atender ao manejo do açaí, como espaçamento e adubação, entre outros tratos culturais.

Minha área de açaí, eu comecei em 2016, tiro mais para o consumo que ele ainda está um pouco fraco. Se a gente tivesse um plantio mesmo bom, vem empresa para comprar aqui. Por enquanto tenho seis tarefas, só que ainda falta terminar de fechar o plantio. Hoje eu estou organizando em carreiras, não estou mais plantando aleatório porque fica ruim de cuidar, na linha é melhor porque é bom de trabalhar (J. M. C. B., 51 anos)

O açaí sempre esteve presente no cotidiano desses trabalhadores por meio dos açaizais nativos. Porém, era utilizado apenas para o consumo, como lembra um entrevistado: “Ninguém vendia açaí em Belém porque ninguém queria comprar, o açaí não era valorizado, não se pagava nem R\$ 1,00 no litro do açaí” (B. M. S, 72 anos).

A partir de 2018, o cultivo de frutíferas, como o açaí, passa a se destacar entre as atividades agrícolas não somente nas plantações espontâneas, mas também nas áreas planejadas em terra firme e alagadas, conforme critérios de espaçamento e número de estipes por touceiras, entre outros tratos culturais passam a ser seguidos para se obter uma maior produtividade por área. Segundo Escada, Amaral e Fernandes (2023), com o aumento da demanda do mercado local e internacional, foram desenvolvidas variedades de palmeiras adaptadas à terra firme, o que expandiu a produção de açaí. Essa dinâmica e a valorização do açaí, bem como o estabelecimento de indústrias que comprem e processam esse fruto localmente, têm levado à intensificação do manejo e à substituição de palmeiras e árvores pelo açaizeiro, contribuindo para uma menor biodiversidade. É o processo de monocultivo do açaí, também chamado “açaização” da paisagem.

Por estarem vinculadas aos mercados capitalistas, as unidades de produção podem adaptar-se para melhor integração aos mercados locais. A adoção de determinadas estratégias de reprodução depende do ambiente no qual as famílias estão inseridas, considerando-se o mercado. Para Schneider (2003), trata-se de interações que resultam em estratégias nas quais a família é fundamental. Em nosso caso, observamos que a adoção de cultivos de açaí está relacionada tanto a demandas do mercado quanto a problemas com a cultura da mandioca e ainda à importância do fruto na cultura alimentar das famílias.

Assim, os motivos que levam os trabalhadores rurais a optar por tais cultivos, após o assalariamento na dendeicultura, devem-se à maior procura e à valorização do açaí nos últimos anos, à menor penosidade comparada à cultura da mandioca e às áreas disponíveis e aptas para o cultivo. Essa última opção pode estar relacionada também às áreas que antes eram destinadas ao cultivo de mandioca. Por

reterem mais umidade ou serem mais propícias ao alagamento, causavam a podridão das raízes. Por isso, o cultivo de açaí tornou-se uma opção. “O comprador do açaí vem pegar na localidade, eu também posso fazer um ponto de açaí, minha família pode consumir, hoje tenho seis tarefas de açaí e pretendo aumentar” (A. R., 46 anos).

O discurso acima enfatiza a facilidade que existe em 2023 para a venda desse produto, não sendo necessário sair da vila para vender, pois a grande procura pelo fruto do açaí faz os negociantes irem até o lote do trabalhador rural e comprar diversas safras.

Além de fazer parte do cotidiano alimentar das famílias de Belenzinho, a cultura do açaí é requisitada regional e mundialmente, destacando-se uma corrida para a produção do fruto.

Arrendamento do dendezal

Passada mais de uma década da instalação da dendeicultura no Nordeste Paraense, novas dinâmicas têm sido observadas, como o aumento dos conflitos, rupturas contratuais entre agricultores e agroindústrias, a apropriação de áreas de plantios das empresas e arrendamentos de áreas de agricultores com contratos (Guimarães *et al.*, 2025; Moreira; Guimarães; Moraes, 2025). Os destinos dos trabalhadores rurais vivendo o pós-trabalho assalariado e as dinâmicas relacionadas a essa condição podem ser entendidos no conjunto das novas dinâmicas decorrentes da dendeicultura.

Em 2021, 55% (10) dos trabalhadores rurais que vivenciavam o pós-trabalho assalariado na dendeicultura da vila de Belenzinho resolveram unir-se a outros 17 trabalhadores rurais e assumiram uma área de dendê, considerada abandonada por uma empresa que atuava na região (Biopalma). Em 2020, essa área passara a fazer parte dos domínios da Brasil BioFuels (BBF)². Esses trabalhadores rurais, que recentemente haviam saído de um emprego formal na dendeicultura, resolveram conjugar os conhecimentos adquiridos enquanto assalariados da dendeicultura e aplicá-los nessa área até então “esquecida” pela empresa proprietária.

Segundo os entrevistados, assumir essa área foi resultado da influência de outros trabalhadores

rurais de uma vila rural próxima, chamada Bucaia. A vila do Bucaia passou por sérios problemas de conflitos agrários com a empresa proprietária da área de dendê nas proximidades da vila. No entanto, os trabalhadores rurais de Belenzinho, até 2021, ainda estavam realizando os tratos culturais no dendezal e colhendo os cachos do fruto.

O depoimento de um trabalhador destaca o motivo de assumirem tal área de dendê:

Nós decidimos cuidar porque a empresa (Biopalma) plantou e abandonou e todo ano se tocava fogo nessa fazenda e fazia muita fumaça e aí nós resolvemos, como é que se diz assim, proteger a área, porque cada queimada era um monte de dendê perdido. Aí nos reunimos na vila aqui e no Icuí, e passamos a limpar a área. Agora a empresa nos procurou para negociar nossa saída da área, mas o dendê tá gerando uma renda pra nós, estava ruim porque estávamos desempregados, a mandioca estava apodrecendo e era só do que a gente estava sobrevivendo e aí graças a Deus tá dando uma ajuda pra gente o dendê. É cerca de 1000 pé por família, mas tem muito pé queimado, a quadra é grande, mas queimou muito (A. R., 46 anos).

Um outro trabalhador rural salienta:

Quando era da Biopalma, estava abandonado. Acredito que quando era Biopalma ela não ia se interessar muito como não se interessou, porque para eles não era negócio, a Vale era do seguimento do minério e não sei nem por que se envolveu. Aí é isso, a gente fica triste se acabar, se isso acontecer lá na frente e o que a gente espera da empresa é que eles venham aqui com a gente da comunidade ter um diálogo, pois vai ser uma parceria que vai ser bom para eles e pra gente (F. C. M. L., 36 anos).

Os entrevistados não souberam ao certo informar o tamanho da área que cada família assumiu, geralmente, como citado acima, a média é de 1000 pés por família, dos quais retiram de 700 a 1200 cachos por mês. Para o corte e o carregamento dos cachos e a limpeza das áreas, recorrem ao pagamento de diárias aos moradores da própria vila de Belenzinho. Dos 18 entrevistados, 22% (4) afirmam que sempre que podem prestam diárias nas áreas de dendê para limpeza e coleta dos cachos. Eles explicam rapidamente sua trajetória na

dendeicultura e como iniciou o trabalho na área de dendê abandonado:

Só trabalhei na empresa mesmo. Fui para a empresa, saí da empresa e voltei para a roça. As vezes faço umas diárias. Tenho um amigo que pegou uma área de dendê e ele sempre chama a gente para fazer uns serviços aqui, outro acolá (J. M. S, 26 anos).

Pegaram porque a empresa abandonou, desde 2011, a empresa só plantou e deixou aí e nunca veio cuidar deles, aí agora em 2020 o povo se reuniu daqui com o povo do Bucaia e pegaram. Eu só trabalho mesmo, não tenho área. Começaram em 2020. Até agora a empresa não entrou em acordo, disse que vinha, mas até agora nada (D. S, 50 anos).

Assumir essas áreas de dendê influenciou diretamente não somente nos trabalhadores rurais envolvidos, mas também na reprodução social dos demais moradores da vila:

Depois do dendê [arrendado], o movimento financeiro foi bem melhor, a gente conseguiu comprar alguns bens, coisa que antes a gente não tinha, hoje a gente consegue comprar, movimentamos os comércios, movimentamos a economia e a gente gera emprego direto e indireto, os outros pais se aproximam pra trabalhar no dendê e conseguem tirar de lá o sustento da família. Inclusive o rapaz da padaria que se instalou aqui, ele está vendendo muito porque a cada 15 dias tem corte e isso gera lucro, quando ele faz o pagamento e isso gera para as pessoas que trabalham direto e indiretamente que são os diaristas pais de família. Há mais de dois anos que as pessoas deixaram de trabalhar na agricultura para ajudar a gente no dendê porque é um recurso, gera recurso financeiro, tem ajudado muita gente, e a gente fica até triste de falar, se um dia eles vierem assim e tirar como tira uma mamadeira de uma criança, não vai ser fácil. (F. C. M. L, 36 anos).

Segundo os entrevistados, esses dois cortes de dendê ao mês geram cerca de dois salários mínimos para cada trabalhador. A venda desses cachos, antes do arrendamento, não podia ser realizada diretamente com as empresas da região. Por isso, era repassada para um atravessador, chamado Gavião, um agricultor com contrato de integração³ que

vende o dendê como se fosse de sua área para a empresa com a qual tem o contrato firmado. “Eles vendem para a empresa XXXX, tem o atravessador que atravessa, o Gavião, ele tem a agricultura familiar e já mete o nosso dendê junto com o dele” (I. A. A. C, 37 anos).

Apesar de admitirem estar atuando em terras alheias, a iniciativa mostra uma certa resistência cotidiana, como explica Santos Júnior (2020), ao abandono dessas áreas se questionados pela empresa proprietária. Os entrevistados enfatizam que não entraram em conflito direto com a empresa, mas reconhecem que pretendem conseguir algo em troca, pois já investiram tempo e trabalho nessas áreas:

A proposta que a gente colocou para empresa é a gente vender o fruto pra, pra BBF, por um preço mais baixo que o preço que eles pagam para os agricultores integrados. Só que eles levaram a proposta pra lá e até agora não falaram mais nada (A. R, 46 anos).

Eu fiz uma proposta assim, de a gente ficar por mais um tempo pra pelo menos pagar o trabalho que a gente investiu lá, porque estava muito feio, foi na coragem mesmo, porque a gente estava vendo que era muito desperdício, ficou 10 anos abandonado, só fizeram plantar e nunca colheram, tivemos um trabalho muito grande. Tiramos muito cacho podre, palha e isso já servia de adubo. Estamos esperando outra reunião agora. A última faz uns três meses (A. R, 46 anos).

Quando retornamos à vila de Belenzinho em janeiro de 2023, essa prática dos trabalhadores tinha gerado efeitos. A empresa havia entrado em contato com os moradores que estavam trabalhando nos dendeais abandonados e sugerido o trabalho por meio do arrendamento. Assim, a produção de dendê passou a ser comercializada diretamente com a empresa detentora da área.

Os trabalhadores ficam responsáveis pela limpeza da área, poda, adubação, colheita, entre os demais tratos culturais, e vendem os cachos diretamente à BBF. A empresa, por sua vez, fornece o transporte dos cachos e os adubos necessários para a planta. Esses valores são descontados no valor pago pela colheita em cada parcela de agricultor. Essa atividade assemelha-se ao trabalho desenvolvido quando os trabalhadores eram assalariados na

dendeicultura. No entanto, destacam que agora podem trabalhar em horários flexíveis e podem permanecer mais tempo em família, o que suscita a sensação de trabalhar em algo “próprio”.

Quando questionados sobre a penosidade do trabalho assalariado no dendê e no trabalho por conta própria no dendezal abandonado, eles afirmam:

Mudou bastante, mudou cotidiano, rotina, foi alterado para melhor, né, questão que você vai pro dendê, trabalha até 12h e à tarde você está livre pro lazer, futebol, antes não, na roça e mandioca era diferente, pois você tem um extenso trabalho e não tem retorno e, quando você trabalha no dendê, você tem uma expectativa de poder ter uma alimentação boa, pagar uma conta e isso ameaçado pra gente é muito ruim (F. C. M. L., 36 anos).

Assim, o arrendamento das áreas de dendê pode aliar-se a diferentes arranjos instituídos pelos trabalhadores rurais que vivem o pós-trabalho assalariado na dendeicultura como formas de reprodução social. Evitam, assim, as incertezas que o desemprego ocasiona, conciliando seu saber com as oportunidades que ocorrem, como destaca Almeida (1986).

Trabalho na roça

O trabalho na agricultura é baseado na roça, especialmente de mandioca; recentemente, tem sido dada ênfase às culturas de ciclo longo, sobretudo ao cultivo de frutíferas. O trabalho na agricultura é realizado, preferencialmente, no período da manhã. Os 18 entrevistados relatam que a manhã é dedicada ao trabalho na terra, porque à tarde o sol “castiga mais”. Executar os trabalhos agrícolas implica, portanto, um maior desconforto. Excepcionalmente, quando há uma necessidade, os entrevistados trabalham também pela parte da tarde. O trabalho no período da tarde é mais comum entre os que arrendaram lotes de dendê da BBF⁴.

O trabalho inicia logo cedo, em torno das cinco da manhã. A mulher começa a fazer o café da manhã, quem vai trabalhar se levanta e vai despertando devagar. Logo após o desjejum, pai, mãe e às vezes os filhos saem para o dia de trabalho

na agricultura. A partir das 10 horas da manhã, começa-se a ver os membros da família retornando do “centro”, como costumam chamar os locais de roça⁵.

De manhã eu sempre saio para trabalhar seja no dendê ou na roça, umas 6h, até as vezes 11h ou 15h, conforme o trabalho. À tarde às vezes a gente não faz nada mesmo, a noite é em casa, igreja, de casa pra igreja (J. M. S., 26 anos).

A mulher de um dos entrevistados relatou sua dupla jornada de trabalho, pois, além do trabalho doméstico, atua também de maneira cotidiana nos trabalhos da roça:

Eu prefiro trabalhar pela manhã, o sol está menos quente, faço o que tenho que fazer, capino minha roça de mandioca, limpo meus pés de açaí, e quando chego em casa preparo o almoço das crianças. À tarde não quero saber de serviço na roça, também é só chuva à tarde, aí prefiro ficar assistindo meus programas, lavar uma roupa, fazer o dever das crianças e por aí vai...

As mulheres dos entrevistados são responsáveis pelos serviços domésticos. No entanto, na maioria das vezes, estão com os maridos trabalhando no roçado, dividindo o tempo entre os trabalhos de casa e da roça. Apenas 29% (5) afirmaram que trabalhavam somente em casa; 71% (12) disseram que trabalham tanto em casa quanto na roça, dividindo o tempo em 50% para cada atividade.

O período da tarde, para as mulheres, é dedicado aos filhos (tarefas escolares remotas), ao descanso, ao lazer e aos afazeres domésticos. Em um único caso, a mulher assumiu por completo o trabalho na roça, pois o marido estava doente (doença adquirida enquanto trabalhava como assalariado no dendê), não podendo mais trabalhar na agricultura e no extrativismo. A mulher, nesse caso, assumiu as principais atividades na roça e na colheita do açaí.

Na maioria das vezes, porém, as mulheres assumem posições consideradas como uma “ajuda” ao trabalho “pesado” do marido:

Pra roça às vezes eu vou, quando ele [o marido] está plantando, às vezes eu semeio, eu corto a maniva, quando ele vai fazer farinha, eu vou tirar a

mandioca do pé, não é uma coisa muito boa, mas dá pra sobreviver porque a gente não tem outra coisa, ele não está mais empregado, não tem carteira assinada, a gente depende disso pra sobreviver (esposa de J. M. S, 26 anos).

Para Paulilo (1987), independentemente de regiões ou de culturas, existe uma distinção entre trabalho “leve” e “pesado”: o primeiro é atribuição de mulheres e crianças, o segundo é para os homens. Segundo a autora, qualifica-se o trabalho em função de quem o realiza: são “leves” as atividades executadas por mão de obra feminina e infantil. Importa destacar que essa classificação está associada a diferentes remunerações: maior para o trabalho “pesado”, menor para o “leve”, mesmo que ambos demandem o mesmo número de horas ou que o esforço físico exigido por um tenha como contraponto a habilidade, a paciência e a rapidez requeridas pelo outro (Paulilo, 1987).

As crianças também participam das atividades da agricultura, limpando, por exemplo, as áreas de mandioca; os maiores ajudam fazendo farinha ou na colheita do açaí. Quando chegam da roça, enquanto o almoço não sai, a brincadeira das crianças começa, principalmente de bola pelos quintais das casas.

No que diz respeito à idade, não parece haver uma ordem cronológica que fixa uma determinada idade como indicador da aptidão ao trabalho. De fato, o que há é uma demarcação que associa a força física ao conhecimento das atividades requeridas na roça. Trata-se, portanto, de uma representação simbólica do momento tido como propício ao início das atividades laborais. Nesse modo de escalonar o tempo, ser “mais novo” ou “mais velho” significa ser considerado ou não apto ao trabalho (Santos Júnior, 2018).

No período da pesquisa, o açaí estava na safra e fazia parte do cotidiano alimentar das famílias dos trabalhadores rurais, estando presente no almoço, no jantar e, algumas vezes, também no lanche. O açaí era a principal fonte de alimento nesse período, o acompanhamento era peixe seco, mortadela, frango e outros, mas o açaí era sempre a principal fonte de alimento e o mais pedido pelas crianças, que às vezes nem esperavam o fruto ser batido para consumi-lo.

As famílias se reúnem para bater⁶ o fruto do açaí a fim de retirar a polpa. Nessa etapa, os pais e os filhos mais velhos são os que têm a responsabilidade

de subir nos pés de açaí⁷ e realizar a coleta do cacho. As mulheres reúnem-se para bater o fruto: enquanto uma realiza o processo de branqueamento⁸ e lavagem dos frutos, a outra bate o açaí em máquina apropriada. As crianças sempre estão por perto e comem o fruto, antes de ser batido, com farinha. Após esse processo, a polpa do açaí é repartida entre os familiares mais próximos, e uma boa quantidade é armazenada na geladeira e no freezer.

Observa-se, portanto, a marcada divisão por gênero na atribuição das atividades. O trabalho das mulheres e das meninas relaciona-se, predominantemente, com o espaço doméstico, o cuidado e o preparo de alimentos para a família. Brumer e Anjos (2008) chamaram a atenção para essa configuração das atividades na reprodução social da agricultura familiar. É importante destacar também que, para 50% das nossas entrevistadas, o trabalho doméstico é somado ao trabalho na roça. Logo, as mulheres acumulam o trabalho nas roças e o trabalho do cuidado com as famílias.

O município do Acará é o maior produtor de mandioca do Brasil. Dessa forma, a mandioca é um dos produtos de maior importância para diversos trabalhadores rurais do município. A sua produção é uma das atividades mais antigas em Belenzinho, atravessando os anos. Mesmo quando os trabalhadores rurais estavam assalariados na dendeicultura, em poucos casos, a mandioca deixou de estar presente entre as atividades agrícolas. As dificuldades para sua produção são inegáveis e relatadas por aqueles que com ela trabalham. No entanto, a atividade persiste, pois envolve, além da venda, hábitos alimentares tradicionais. O cultivo da mandioca ultrapassa a questão financeira, abrangendo o consumo da farinha e a produção de comidas típicas com a folha que dá origem à maniçoba e à extração do tucupi, base para diversas comidas, como o tacacá.

Apenas 22% (4) dos trabalhadores rurais deixaram de plantar a mandioca enquanto estavam assalariados na dendeicultura. Dos 18 entrevistados, somente 5,5 % (1) não tinham um roçado de mandioca no momento da pesquisa. O entrevistado alegava muito trabalho para pouco retorno econômico.

A depender do contexto e das possibilidades, os agricultores combinam diferentes atividades

visando a reprodução do grupo no ciclo curto, ou seja, recorrem à pluriatividade. O trabalho assalariado é uma das possibilidades; há ainda o trabalho como diaristas, pequenos comércios e outras ocupações não agrícolas (Fletes Ocón; Hernández Méndez, 2023).

O cultivo da mandioca está associado à diversificação do produto e à valorização do preço nos últimos anos. Não à toa os moradores de Belenzinho que trabalham na produção da mandioca, principalmente do produto beneficiado, como a farinha e o tucupi, mostram alguma satisfação: segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) e da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), um pacote de 50 quilos de farinha que já foi vendido a R\$ 39 entre 2009 e 2010, recentemente, entre 2021 e 2023, podia chegar a custar na feira do município de Acará e na capital paraense cerca de R\$ 150.

Essa é uma atividade que é transmitida de pai para filho, envolve diversos membros da família em sua produção e ocupa, geralmente, a parte da manhã, dedicada ao plantio e ao beneficiamento da raiz de mandioca. As áreas destinadas ao plantio de mandioca são sempre medidas em tarefas, a média encontrada em Belenzinho foi de quatro tarefas por família.

Reprodução social de ciclo longo

As estratégias de reprodução social de ciclo longo são aquelas cujo objetivo é a manutenção do grupo a longo prazo. Conforme Bourdieu (2020), essas estratégias referem-se aos cuidados com a saúde, à decisão de ter ou não ter filhos (investimento biológico), à transmissão do patrimônio (sucessórias), à educação dos filhos (educativas). Há ainda algumas estratégias de manutenção das relações sociais visando obter e assegurar obrigações ou direitos no futuro (estratégias matrimoniais). É importante salientar que as distintas classes de estratégias operam de forma interdependente, de forma que podem influenciar-se mutuamente. Neste estudo, analisamos o histórico das famílias e as tendências quanto à sucessão.

A vila rural de Belenzinho, assim como tantas outras na Amazônia, caracteriza-se por seus vínculos iniciais de formação com o uso dos rios e a produção de mandioca. Para os 18 entrevistados, a produção dessa raiz é lembrada como a primeira atividade agrícola transmitida de pai para filho e um dos motivos para continuarem na vila.

Os trabalhadores rurais que estavam no pós-trabalho assalariado na dendeicultura não sabem ao certo como seus pais ou avós adquiriram as terras em Belenzinho. É comum o emprego de expressões como “meus avós já moravam aqui e os pais deles também” ou “meu pai é nascido, nato aqui da vila, meu avô eu não conheci, mas era filho de Belenzinho”. O mais provável é que a terra tenha sido herdada de seus antepassados e depois foi aumentada pela compra de terras próximas.

Os pais dos trabalhadores rurais que vivem o pós-trabalho assalariado na dendeicultura têm suas origens ligadas à vila rural de Belenzinho. Alguns poucos casos mostram a saída dos pais de vilas rurais próximas a Belenzinho. Nesses casos, um dos dois, o pai ou a mãe, era da vila de Belenzinho.

Dos entrevistados, 100% são de origem rural e são filhos de pais que tinham terras e que trabalhavam na agricultura. Todos os entrevistados nasceram na própria vila de Belenzinho, ou em vilas próximas, e começaram a trabalhar na agricultura, inicialmente “ajudando” os pais e, posteriormente, ao casarem, assumindo seus roçados próprios na terra dos pais, especialmente com o plantio de mandioca para a produção de farinha:

Aqui em casa todo mundo tem terra, se quiserem podem plantar, somos sete irmãos, as mulheres foram todas pra Belém, só ficou eu e meus irmãos, comecei plantando na terra da família, a terra é do papai e da mamãe, mas até hoje podemos plantar, não tem esse negócio de divisão não, se minhas irmãs voltarem e quiserem plantar, elas podem (R, P. S., 39 anos).

Como destacado por Almeida (1986), a reprodução social de ciclo longo é resultado da persistência das famílias por meio do nascimento, do casamento, da morte e da herança. Em Belenzinho, as esposas dos entrevistados são, em sua maioria, da própria vila, o que sugere a possibilidade de as

famílias permanecerem na vila e, posteriormente, os filhos assumirem os trabalhos agrícolas.

Dos trabalhadores rurais entrevistados, 94% (17) estavam vivendo em família, casados na igreja, no civil, ou em união estável. Apenas um dos entrevistados estava solteiro e sem filhos. As famílias dos trabalhadores rurais eram compostas em média de quatro membros: o pai (entrevistado), a esposa e, geralmente, dois filhos. Dos trabalhadores rurais casados, 83% (15) têm filhos morando na mesma residência, e suas famílias não são numerosas – considerando que 22% (4) têm somente um filho, 56% (10) têm de dois a três filhos e 17% (3) não tinham filhos morando na residência.

Segundo Woortmann (1994), a sucessão constitui a assunção de uma nova geração de agricultores no comando da unidade produtiva, concluída com a transferência do patrimônio, a saída da geração anterior da gestão do estabelecimento e a continuidade da família e da atividade na terra. A sucessão, também compreendida como uma reprodução social de ciclo longo (Almeida, 1986), completa-se com a redução do trabalho e do mando de uma geração sobre os ativos da unidade de produção. O propósito da sucessão é fazer com que pelo menos um herdeiro reproduza a unidade familiar.

A partir dos dados acima, é possível indicar algumas tendências. A totalidade dos entrevistados casaram-se com mulheres da própria vila, o que demonstra que, nesse grupo, o casamento não influi em migrações. Além disso, o casamento leva à fragmentação na propriedade dos pais, o que pode causar o enfraquecimento das atividades agrícolas no futuro devido à indisponibilidade de áreas disponíveis. Por outro lado, a fecundidade das famílias é baixa, e os filhos são socializados na agricultura desde cedo, o que indica uma tendência para a permanência na agricultura e reforça a possibilidade de diminuição nas áreas disponíveis para a agricultura no futuro.

Considerações finais

Os estudos referentes à reprodução social têm mostrado diferenças no modo de reprodução da agricultura familiar brasileira, especialmente por

inúmeras mudanças causadas diariamente pelo processo de modernização da agricultura. Na Amazônia, o processo não é diferente, o avanço das *commodities* tem alterado a reprodução social de trabalhadores rurais que, no caso da dendeicultura, podem assalariar-se, integrar-se ao monocultivo e ainda vender suas propriedades.

Compreendendo que a reprodução social das famílias oriundas da agricultura familiar é a mais atingida pelo avanço das *commodities*, nosso objetivo neste artigo foi analisar evidências recentes de reprodução social de trabalhadores rurais no pós-trabalho assalariado na dendeicultura na vila rural de Belenzinho, Acará (PA), no Nordeste Paraense. Com base nas entrevistas, nos dados analisados e na literatura consultada, constatamos que a reprodução social dos trabalhadores rurais que vivem o pós-trabalho assalariado na dendeicultura apoia-se em mudanças relacionadas a fatores locais e globais, mas também em continuidades atreladas a modos de fazer transmitidos de pai para filho.

As famílias dos trabalhadores que vivem o pós-trabalho assalariado na dendeicultura possuem uma organização do trabalho em que todos os membros assumem uma função para que consigam reproduzir-se socialmente. Os trabalhadores rurais, em quase todos os casos, já possuíam famílias e atuavam no trabalho da roça, no da casa ou em ambos. Aos homens, cabia a “liderança” e a decisão sobre o quê, onde e quanto plantar; a eles, também competiam os trabalhos da roça considerados “pesados”, como a colheita, a limpeza da área e a produção da farinha de mandioca.

A atividade das mulheres, por sua vez, mesmo quando acompanhavam os maridos no trabalho na roça, era considerada “ajuda”, assim como a das crianças. As mulheres e as meninas também eram responsáveis pelos trabalhos domésticos. Além disso, as mulheres e as crianças eram as responsáveis por uma das principais fontes de reprodução social das famílias de Belenzinho: a colheita e a transformação do açaí em polpa. Ao longo dos anos, o fruto do açaí tem-se destacado com o aumento da área de produção, não somente em Belenzinho, mas em todos os municípios do Pará, ocasionando a chamada “açaização da paisagem”. O que antes era algo encontrado somente nas áreas alagadas dos ribeirinhos, hoje se expande para diversas áreas de

terra firme, reflexo também encontrado nas áreas dos trabalhadores rurais de Belenzinho.

A reprodução social por meio do cultivo da mandioca é cultural entre os agricultores amazônicos, especialmente aqueles do município do Acará, que se destaca por ser o maior produtor do Brasil. O cultivo mostrou-se essencial para a base da alimentação desses trabalhadores que vivem o pós-trabalho assalariado e suas famílias, mesmo que em pequenas áreas, para não faltar na alimentação da família. A valorização monetária do produto nos últimos anos também concorreu para que os trabalhadores permanecessem no cultivo.

A reprodução social foi perceptível por meio da priorização do cultivo de frutíferas incentivado por organizações sociais ou por conta própria e pelo arrendamento de áreas de dendê. Os motivos que levam os trabalhadores rurais a optar pelas frutíferas após o assalariamento na dendeicultura devem-se à maior procura e à valorização dessas culturas nos últimos anos, à menor penosidade, se comparada a atividade à cultura da mandioca, e às áreas disponíveis e aptas para o cultivo.

O arrendamento de áreas de dendê inicialmente ocorreu de forma “clandestina”; posteriormente, a resistência cotidiana a não entrar em conflito direto com a empresa resultou em contratos de arrendamento das áreas. Os trabalhadores ficam responsáveis pela limpeza da área, pela poda, pela adubação e pela colheita, entre os demais tratos culturais, e vendem os cachos diretamente à BBF. A empresa, por sua vez, fornece o transporte dos cachos e os adubos necessários para a planta, esses valores são descontados no valor pago pelos cachos colhidos para cada parcela de agricultor. Esse trabalho assemelha-se ao trabalho desenvolvido quando os entrevistados eram assalariados na dendeicultura. No entanto, destacam que agora podem trabalhar em horários flexíveis e podem permanecer mais tempo em família, o que suscita a sensação de trabalhar em algo “próprio”. Porém, não recebem os benefícios trabalhistas.

Em relação à reprodução social de ciclo longo, verificamos que os trabalhadores que vivenciavam o pós-trabalho assalariado tiveram suas origens atreladas ao trabalho na agricultura. Começaram a trabalhar na roça e construíram as famílias por meio do casamento com pessoas da própria vila ou de vilas

vizinhas. Observou-se também que os filhos dos entrevistados podem permanecer na vila de Belenzinho, pois muitos já ajudavam os pais no trabalho agrícola.

Destacamos que esses trabalhadores entrevistados são aqueles que não foram expropriados de suas áreas, mas apenas eram pluriativos. Por isso, puderam retornar ao seu trabalho de agricultor familiar ao serem desligados do assalariamento na dendeicultura.

Os trabalhadores que vivem o pós-trabalho assalariado na dendeicultura continuam seu trabalho na agricultura familiar, aplicando os conhecimentos adquiridos na dendeicultura como forma de permanecer em seu local de origem e de arrecadar possíveis retornos financeiros. Assim, a reprodução social não requer um discurso, representa antes uma decisão de adotar as diferentes estratégias possíveis ante a estrutura de oportunidades que se apresentam.

Notas

1 A primeira política de incentivo é o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB), que visa estimular o cultivo de certas oleaginosas, como girassol, soja e dendê, tendo em vista a produção de biodiesel. A segunda política de expressão para a expansão da dendeicultura é o Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma (PPSOP), lançado pelo presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, em 2010, no município de Tomé-Açu (PA). O PPSOP objetiva a produção do óleo de palma por vias consideradas sustentáveis, inclusive integrando agricultores familiares ao cultivo de dendê.

2 Até outubro de 2021, essa atividade no dendezal considerado “abandonado” era realizado de forma “clandestina”, sem o consentimento da empresa. Quando retornamos em janeiro de 2023, a empresa BBF já havia legalizado o trabalho desses trabalhadores rurais por meio do arrendamento.

3 Segundo Aquino (2013), a integração é concretizada por meio de um modelo de exclusividade e de garantia de compra e venda da produção de determinados agricultores por uma indústria. Geralmente, esse compromisso é estabelecido mediante contratos.

4 Mais adiante, explicamos essa relação.

5 Tal dinâmica influenciou também os horários de pesquisa. Constatou-se que os trabalhadores rurais que viviam o pós-trabalho assalariado na dendeicultura não

seriam encontrados nos dias de semana pela parte da manhã em suas casas, justamente porque estavam nos trabalhos agrícolas. Por isso, as entrevistas foram realizadas, quase sempre, no período da tarde, horário mais comum para encontrar os trabalhadores rurais em suas casas.

6 O fruto do açaí é batido, nesse caso, em máquina apropriada.

7 Existe uma preferência para que as crianças, por serem mais leves, subam nos pés dos açaizeiros e assim evitem o tombamento do estipe do açaí.

8 O branqueamento é o processo de mergulhar o açaí em água quente a fim de eliminar micro-organismos causadores de doenças, como o protozoário responsável pela doença de Chagas.

Referências

- ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabetg. Camponeses, donos de engenhos e escravos na região do Acará nos séculos XVIII e XIX. **Paper do NAEA**, [Belém], n. 153, p. 1-29, out. 2000.
- ALMEIDA, Mauro William Barbosa Redescobrimo a família rural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 66-93, 1986.
- AQUINO, Silva Lima. de. Estratégias empresariais e efeitos locais: a integração de pequenos agricultores à indústria fabricante de papel e celulose. **Revista IDeAS**, v. 7, n. 3, p. 158-197, 2013.
- BECKER, Bertha. K. Recuperação de áreas desflorestadas da Amazônia: será pertinente o cultivo da palma de óleo (Dendê)? **Confins: Revue Franco-Brésilienne de Géographie**, n. 10, 2010.
- BECKER, Howard S. Observação social e estudos de caso sociais. In: BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 117-134.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged)**. 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. Estratégias de reprodução e modos de dominação. **RePOCS: Revista Pós Ciências Sociais**, v. 17, n. 33, p. 21-36, 2020.
- BRUMER, Anita; ANJOS, Gabriele dos. Gênero e reprodução social na agricultura familiar. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 11, n. 12, p. 6-17, jan./jun. 2008. DOI: <https://doi.org/10.47946/rnera.v0i12.1396>.
- BUDIDARSONO, Susane.; SUSANTI, Ari; ZOOMERS, Annelies. Oil Palm Plantations in Indonesia: The Implications for Migration, Settlement/Resettlement and Local Economic Development. In: FANG, Zheng. (Org.). **Biofuels: Economy, Environment and Sustainability**. China: Nanjing Agricultural University, 2013. Chapter 6.
- CARVALHO, Ana Cláudia Alves de; NAHUM, João Santos. Dendeicultura e migração em Tomé-Açu (Pará): o caso da Vila Forquilha. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, Grajaú, v. 5, n. 16, p. 1-23, 2019.
- CASTRO, Edina Maria Ramos de; CASTRO, Carlos Potiara. Desmatamento na Amazônia, desregulação socioambiental e financeirização do mercado de terras e de *commodities*. **Novos Cadernos NAEA**, v. 25, n. 1, p. 11-36, 2022.
- CHAMBATI, Walter; MAZWI, Freedom; MBERI, Sifiso. Agrarian Accumulation and Peasant Resistance in Africa. In: GUMEDE, Vusi. (Org.).

Inclusive Development in Africa: Transformation of Global Relations. HSRC, 2018. p.104-132.

DAMIANI, Sandra.; GUIMARÃES, Sílvia; MONTALVÃO, Maria; PASSOS, Carlos. “Ficou só chão e céu”: dendeicultura e impactos socioambientais sobre Território Tembê na Amazônia. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 23, p. 1-24, 2020.

EL PEBRIAN, Darius.; YAHYA, Azmi.; SIANG, Tan Chun. Workers’Workload and Productivity in Oil Palm Cultivation in Malaysia. **Journal of Agricultural Safety and Health**, v. 20, n. 4, p. 235-254, 2014.

ESCADA, Maria Isabel; AMARAL, Silvana; FERNANDES, Danilo. Dinâmicas de ocupação e as transformações das paisagens na Amazônia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 39, n. 3, p 1-5, 2023.

EVANGELISTA-VALE, Jôine Cariele. *et al.* Climate change may affect the future of extractivism in the Brazilian Amazon. **Biological Conservation**, v. 257, 2021.

FERREIRA, Sandra Crisitna; AZEVEDO-RAMOS, Carlos Alberto. sustentabilidade na cadeia produtiva de óleo de palma no Brasil: o caso da Agropalma. **Papers do NAEA**, v. 29, n. 1, p. 142-155, 2020.

FLETES OCÓN, Héctor; HERNÁNDEZ MÉNDEZ, Clara. Pluriactividad y reproducción social en localidades rurales de Ocosingo, Chiapas. **HorizonTes Territoriales**, v. 3, n. 6, p. 1-20, 2023.

FROES, Livia. Tecendo caminhos, ocupações e percepções: a diversidade das experiências de trabalhadores rurais temporários do Norte de Minas

Gerais. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, v. 37, n. 1, p. 39-53, 2017.

GUIMARÃES, Jamilly; MOTA, Dalva; MOREIRA, Éberton; SCHMITZ, Heribert. “O dendê era um sonho”: agricultores familiares e rupturas com as agroindústrias de dendê no Pará, Amazônia. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, n. 63, e288908, p. 1-22, 2025.

HEREDIA, Beatriz. **A morada da vida:** trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. 1.ª edição: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

IBGE, **Produção Agrícola Municipal 2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024

MEDEIROS, Marcílio; *et al.* A reprodução social como perspectiva metodológica para análise contextualizada das condições de vida e de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 38, n. 10, p. 1-12, 2022.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. *In:* THIOLENT, Michel (Org.). **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5. ed. São Paulo: Polis, 1987. p. 191-211.

MOREIRA, Éberton da Costa. **Para onde foram os camponeses?** As reconfigurações nas estratégias de reprodução social após venda dos estabelecimentos no processo de expansão da dendeicultura na Amazônia paraense. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável). Universidade Federal do Pará, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Belém, 2022.

MOREIRA, Éberton da Costa; GUIMARÃES, Jamilly; MORAES, Lucas. Dinâmicas recentes do extrativismo agrário na Amazônia Oriental: o caso da dendeicultura no Nordeste Paraense. **Mundo Agrário**, La Plata, 2025. No prelo.

MOREIRA, E. da C.; SCHMITZ, H. Apropriação de terras para a dendeicultura: resistência e destino dos camponeses na Amazônia brasileira. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, 2025. No prelo.

MOTA, Dalva Maria da. Sociabilidades entrecortadas em vilas rurais sob o afluxo de migrantes para trabalhar na dendeicultura no Pará. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, v. 42, n. especial, p. 489-506, 2022.

MOTA, Dalva Maria da; BALSADI, Otávio; MOURÃO JÚNIOR, Moisés. Transformações na estrutura ocupacional do Norte do Brasil com foco na dendeicultura. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, v. 39, n. 2, p. 289-312, 2019.

NOVAES, José. Trabalho nos canaviais: os jovens entre a enxada e o facão. **RURIS**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 105-127, 2009.

OJEDA, Diana. Reproducción social, despojo y el funcionamiento generizado del extractivismo agrario en Colombia. In: MCKAY, Brigit; ALONSO-FRADEJAS, Alonso; EZQUERRO-CANETE, Ana (Orgs.), *Extrativismo agrario en America Latina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Canadá: University of Calgary; Social Sciences and Humanities Research Council, 2022.

OLIVEIRA NETO, Adolfo. Dispossession and Agricultural Commodities: The Case of Oil Palm Farming in the Brazilian Amazon. In: IORIS, Antonio.; FERNANDES, Bernardo. (ed.). **Agriculture, Environment and Development:**

International Perspectives on Water, Land and Politics. Palgrave MacMillan, 2022. p. 265-280.

OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

PAIS, Alfredo. Arrancados del suelo: el desarrollo del capitalismo agrario y sus consecuencias en las estrategias de reproducción de campesinos criollos e indígenas en territorio salteño. **Revista Interdisciplinaria de Estudios Agrarios**, v. 29, p. 99-121, 2008.

PAULILO, Maria. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**, v. 5, n. 28, p. 64-70, 1987.

PEREIRA, Marta Silva; WITKOSKI, Andréa. Construção de paisagem, espaço e lugar na várzea do rio Solimões-Amazonas. **Novos Cadernos NAEA**, v. 15, p. 273-290, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v15i1.10836>.

PUDER, Janina. Superexploitation in Bio-Based Industries: The Case of Oil Palm and Labour Migration in Malaysia. In: BACKHOUSE, M. *et al.* (ed.). **Bioeconomy and Global Inequalities**, . p. 195-215, 2021 DOI: 10.1007/978-3-030-68944-5.

REIS, Tainá. **Ceifando a cana... Tecendo a vida: um estudo sobre o pós-trabalho nos canaviais**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

RIBEIRO, Laiane Bezerra; MOTA, Dalva. Entre o trabalho familiar e o assalariamento: trajetória de trabalhadores rurais no município do Acará (PA). **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 32, e024024, p. 1-27, 2024.

RITCHIE, Hannah. Palm Oil. **Our Word in Data**, Feb. 2021. Disponível em: <https://ourworldindata.org/palm-oil>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SAMPAIO, Irã. **A agricultura familiar e a agroindústria do dendê no município de Tomé-Açu (PA):** efeitos da agricultura por contrato na produção e no trabalho familiar. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

SANTOS JÚNIOR, Jaime. A dimensão esquecida: a questão da *agência* no trabalho do corte da cana-de-açúcar. **Caderno CRH**, Salvador, v. 31, n. 83, p. 389–406, 2018.

SANTOS JÚNIOR, Jaime. Fissuras do cotidiano: nos meandros das estruturas de dominação. *In*: PALERMO, Hernán.; CAPOGROSSI, María (Orgs.). **Tratado latinoamericano de Antropología del Trabajo**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; CEIL; CONICET, 2020. p. 705-732.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 99-121, 2003.

SILVA, Edfranklin Moreira da. **Expansão da dendeicultura e transformações nos sistemas de produção familiares na Amazônia Oriental**. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável). Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

SILVA, Elielson Pereira da. **Necrosaber e regimes de verificação:** governamentalidade bioeconômica da plantation do dendê no Brasil e na Colômbia. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido). Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

SILVA, Elielson Pereira da; MAGALHÃES, Sônia Barbosa; FARIAS, André Luís Assunção de. Monocultivos de dendezeiros, capital transnacional e concentração de terras na Amazônia paraense. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, v. 11, n. 23, p. 165-195, 2016.

SILVA, José Ribamar Sá. Produção de commodities, desmatamento e insegurança alimentar na Amazônia Brasileira. **Revista Geográfica de América Central**, Heredia, v. 2, p. 1-15, 2011.

SILVA JUNIOR, José de Ribamar Bento da. A inserção da matriz produtiva do dendê em áreas antropizadas: aspectos relevantes na perspectiva da dimensão ambiental. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 37-56, 2020.

VIEIRA, Ana Carolina Casemiro. **A integração camponesa ao monocultivo do dendê:** subordinação e transformação do campesinato amazônico. (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável). Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

VILLELA, Alberto Arruda. **Expansão da palma na Amazônia Oriental para fins energéticos**. Tese (Doutorado em Planejamento Energético) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade Amazônica:** estudo do homem nos trópicos. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1988.

WOORTMANN, Ellen. F. **Herdeiros, parentes e compadres:** colonos do sul e sitiantes do nordeste. São Paulo: Hucitec, 1994.